

ENTREMEZ NOVO  
D'A  
CASTANHEIRA,

O U  
A BRITES PAPAGAIA.

P E S S O A S .

*Hum Inglez. Zabumba, Marujo.*  
*Perluxo, Taberneiro. Hum Preto.*  
*Papagaia, Castanheira. Isabel, Preta.*  
*Hum Cabo da Ronda.*

---

S C E N A U N I C A .

Vista de rua , com huma Taberna ao lado.

*Apparece sentada Papagaia com fogareiro , e açador ,  
e de outro lado o Taberneiro , sentado em hum  
banco , e caximbandando.*

*Pap.* **Q** U E M vem , quem as quer quentinhas ;  
Quem vem á Castanheira ,  
Que tem colherinhas  
Com gosto especial.

*Tab.* Que viva a voz de Sereia ,  
Com que amor tudo amorina.

*Pap.* Muito obrigada á lisonja ;

• *Veja se engana a menina ;*  
• *Mas que me diz do Zabumba ?*  
*Sempre he amante firme :*  
*Ha mais de duas semanas*  
*Não ha quem lhe ponha a vista :*  
*Ha de entrar-me com desculpas ,*  
*Dizendo que esteve abordo ,*  
*E ha de mentir , porque sabe*

Que eu ralho só e não mordo :

A ti filha do Zaranza ,  
 Contra-Mestre da Ribeira ,  
 Tem-lhe feito pela sonça  
 Trabalhar muito a moleira ;  
 Porém deixam-na comigo ,  
 Que talvez que lhe dê saia.

Não ha de saber quem he Brites ,  
 Por alcunha a Papagaia.

Quem vem , quem as quer quentinhas ,  
 Duas duzias hum vintem.

Ah traidor , falfario amante !  
 Coitada de quem quer bem !

*Tab.* Deixa-te disso , pequena ,  
 Não tomes o caso a peito ,  
 Deita o olho a outro Amante ,  
 E faze o mais a teu geito.

*Pap.* Outro com a graça daquelle ,  
 Não he facil de pilhar ,  
 Nem ha em todo este bairro ,  
 Quem lhe chegue ao calcanhar ,  
 Onde ha outro que se atreva

A travar com elle bulha ?

Inda que Alfama se corra ,  
 O Caes do Tojo , e a Pampulha :  
 Quem com elle huma vez briga ,  
 Não torna a querer mais da fruta ;  
 Não ha quem não tenha medo  
 De vêr aquella cambuta ?

Huma mulher como eu sou ,  
 Faz chança de hum tal Amante ;  
 Se alguem comigo se atreve ,  
 O despique he n'num instante.

Quem vem , quem as quer quentinhas ?

Mas pobre de mim , coitada ,  
 Se aquelle demo me deixa ,  
 Estando tão empenhada ,

Devo ao Tendeiro hum tostaõ  
 O sal , que foi de sardinhas ,  
 De carvão quatro vintens . . . .

Ora quentinhas , quentinhas.

Devo mais alqueire e meio

De castanhas lá em baixo ,  
E por ora estou em graça ,  
Nem com hum só real me acho :

*Tab.* Tudo has de acabar , assim queiras  
Repartir os teus agrados ,  
Acceitando os rendimentos  
De alguns teus desperdiçados :  
Se me queres affagar ,  
E consentes que eu te affague ,  
Só por dois carinhos teus ,  
Talvez que tudo te pague.

*Pap.* Vossê fez mofo de mim !  
Quer que eu venda o meu carinho ,  
A troco de duas ilcas ,  
E de huma gota de vinho !  
Eu , ou me pague , ou me não pague  
Não sou nada ambiciosa ,  
Não ha outra no meu trato ,  
Que seja mais primorosa :  
Se tiver brio , e quizer...  
A' vista do meu amor...

*Tab.* Adiante... ferramenta :  
Eu sou bom entendedor ,  
Tudo farei... porém dize ,  
Promettes-me guardar fé ?

*Pap.* Logo abaixo do Zabumba ,  
Todo o resto he de vossê.

*Tab.* Pois como tu cantas bem ,  
Vamos já pôr á viola  
Este amor jurado , e firme ,  
Que até as tripas consola.

*Cantão , e vaõ-se para a Taberna. Sabe Isabel com huma celba de mixilhões á cabeça.*

*Isab.* Ero tem sua pimentaõ ;  
Cebora , cravo ero tem :  
Ero tem sua aio , aio ,  
E azeite de Santalem.  
Pleta gira todo os rua ,  
Por gaiar a sua vintem ,  
Ero tem sua aio , aio ,  
E azeite de Santalem.  
Quem chama pleta , quem compla

O Mixiaõ glande de Avero ,  
 O Mixiaõ vai de glaça ,  
 O moio vare os dinheiro.  
 Pleta aregra os vida passa  
 Dos forgança sempre amiga ;  
 Pleta baia , pleta forga ,  
 Pleta canta sua cantiga. *Canta.*  
*Sabe Zabumba.*

*Zab.* Adeos mãi Zabel , viste hoje  
 A minha amada caxopa ?  
 Venho aqui a seu respeito  
 Com saudades , vento em pôpa ;  
 Não fei que gracinha achei  
 Naquelles olhos traidores ,  
 Que deixo barcos , e rédes  
 Por estes negros amores :  
 Brancas , Mulatas , Mestiças ,  
 No Brazil já tenho tido ,  
 Mas em toda a minha vida  
 Nunca me vi taõ rendido ;  
 Creio que a beber me deu  
 Agua do banho da tina ,  
 Depois de tanxar-se nella ,  
 Com alguma arte maligna :  
 Isto não he natural ;  
 Amar eu , e deste modo  
 Amar só huma mulher ,  
 Eu , que sempre as tive a rodo !

*Izab.* Se era paga tanto amor ,  
 Faz vozo bem de pagaro ,  
 Mas oia vozo que as laparigas  
 Costumaõ pagar os caro ,  
 Eras hoje saõ demo.  
 Todas tem oio mui fino ,  
 Capazes de dar o ópio  
 Mesmo aos badallo do fino.

*Zab.* Tu dizes bem , mas eu cá  
 Não receio essa questaõ ,  
 Sou amante despegado ,  
 Assim como me faõ , faõ :  
 Aquelle que mos impinge ,  
 Não me comê mais vintem.

Dou-lhe por premio dois sócos ,  
 E adeos , passe por lá bem ;  
 Porém a tal pequenota  
 Anda direita em té agora ,  
 Faz incesços , e finezas ,  
 Dão-lhe desmaios , e chora ;  
 Se isto tudo he labia nella ,  
 Eu não póssio adivinhar ,  
 Em quanto os ventos não sopraõ ,  
 Vamos sulcando este mar ;  
 Mas que he della ? Não a viste ?

*Izab.* Ahi saõ os apareio ,  
 Porém eu cá não sei della ,  
 Nem a vi depois que eu veio.

*Zab.* Não ha de estar muito longe ,  
 Visto ter alli o trem ;  
 Mas eu em jejum ainda !  
 Esta historia não vai bem :  
 Não me ha de faltar trabalho ,  
 Logo ás primeiras razões ,  
 Pois não he pequena lida  
 Entrar em sastefações ;  
 Porém antes que ella venha ,  
 E que entremos na fadiga ,  
 Vamos a cuidar nesta pança ,  
 Que amor não enche , batiga. *Vai-se.*

*Izab.* O amor ros blanco reva  
 Sempre muita agua nos bico.  
 Mas ah que hora taõ feriz ,  
 Lá vem o meu Pai Elancisco.

*Sabe o Preto com hum pincel , e hum biao de cal.*

*Pret.* Ah mia Zaber , o preto  
 Sempre se arembra de vozo ;  
 Só tu podes cá por dentro  
 Fazer ao teu preto hum gozo :  
 Venho do ciar huns casa  
 De hum Sioro blanco Doutorõ ,  
 E os obra ficou mui mal feita ,  
 Por contra do nosso amorõ :  
 Não podia trabalhar ,  
 Porque os pleta me lembrava ,

E amor como demonio,  
 Parece que me tentava:  
 No meio do meio travaio,  
 Amor, eu dizia; sape,  
 Mas o amor me fazia  
 No coração trape, trape:  
 Trago aqui para vozo gasto,  
 Todo o gimbo que ganhei,  
 Fora os creto dos Tendero,  
 Ande tudo já paguei.

*Izab.* Ah meu caxorro, meu caõ,  
 Devo te tantas finezas;  
 Porém que queres tu mas,  
 Do que a tua Izabero plea:  
 Ha tantos pletos no mundo,  
 Como areia tem os praia;  
 Mas á vista dos meu pleto,  
 Saõ todos huma canaia:  
 Hum pleto cõr de zebixe,  
 Com os oios como os carneiro,  
 Que he amante dos pletia,  
 Com amor verdadeiro;  
 He pleto que vare muito,  
 Cá para os mia rembrança;  
 Mas vamos meu Pai Flancisco,  
 Vamos fazer os forgança.

*Pret.* Vamo, vamo ao nosso feste,  
 Bliquemo, rimo, forgamo.

*Izab.* Vamo travaiar o Boque,  
 Vamo os festa, vamo, vamo.

*Cant. e vaõ-se.*

*Sabe o Inglez.*

*Ingl.* Este terre de Lisboa,  
 Nem por isso he muito assente,  
 Parece que treme tode,  
 Mais que importe? Estar contente:  
 Este ar naõ he nade certe,  
 Huma hora he fria, outre quente,  
 Faz defluxo, faz constipe,  
 Mas que importe? Estar contente.  
 Este gente muites vezes,  
 Nem por isso he mui bom gente,  
 Huma faz reze, outre furte,

**Mas**

Mas que emporte? Estar contente.  
 Todos seus Baiuques  
 Tem hum vinhe marinheire,  
 Que faz subir fogue, e fume  
 Cá o sine da molere.  
 Este cabeça vacilla,  
 Este corpe he carregade.  
 Mas que importe? Estar contente.  
 Não he nade, não he nade,  
 Mui porque couse me agrada  
 Neste terre tão patife,  
 Não ha huma bofisteque,  
 Nem quem saiba faz rusbifes:  
 Mas o lorange, godime!  
 He hum frute aqui bem bom,  
 E só por este comide  
 Eu já non me quer vai non.  
 Eu sou honrade Estrangeire,  
 E vai diz tode a verdade,  
 Eu vai diz as Procissões  
 De tode este Cidade.  
 Toda a Londres, e toda a França,  
 Todo o Italia, e todo o Hespanha,  
 Todo o América revolta;  
 E todo o munde tamanha,  
 Nem tem formosura alguma  
 Que desbanque os Portuguezes;  
 Cada hum delles tem nos olhos  
 Dôs fogareires accêzes:  
 Tem espertezes galantes,  
 Tem carinhes bonites,  
 Que as almas dos Estrangeires  
 Faz fahir dos seus limites:  
 Grandes mozes tem Lisboa,  
 Tomára Carlos Terceire  
 Trocar a sua Rainhe  
 Só por este Castanheire;  
 Algumes vezes andado,  
 Tem por aqui ao cheire della;  
 Estas horas está dorminde,  
 Mas eu vai-me ter com ella.  
 Belle piquena deveres,

Bello terre certamente ,  
 Eu faz gosto, morre aqui ,  
 Já non me vai , estar contente. *Vai-se.*

*Sabe Zabumba.*

*Zab.* Entre as pipas escondido  
 Até agora tenho estado ,  
 Hia a comer , não comi ,  
 Estou em ár de assombrado :  
 A Senhora Papagaia  
 Lá de dentro do balcão ,  
 Com o Taberneiro ás saudes ,  
 Fazendo a sua função !  
 Nada , nada , não vai bom ,  
 Tenho a espinha na garganta ,  
 Saltou-me o vento na prôa ,  
 Já todo o mar se levanta :  
 Não lhe pude ouvir palavra  
 Do que ambos elles diziaõ ;  
 Porém já com a grelha n'alma  
 Os cabellos se arripiaõ :  
 Mas como elles me não viraõ ,  
 Nem sabem que estou aqui ,  
 Para dar nesta tratada ,  
 Vou-me esconder mesmo alli. *Esconde-se.*

*Sabe Papagaia, e o Taberneiro.*

*Pap.* Comi , e bebi , alegrei-me ;  
 Mas no meio da função ,  
 Veio certa nuvem negra ,  
 Abafar-me o coração :  
 Eu não sei o que adevinha  
 O meu triste pensamento ;  
 Quem tivera nesta hora  
 Hum peito de amor izento !  
 Negra visaõ , vai-te já ,  
 Vai seguindo o teu caminho.

*Tab.* Essa visaõ logo passa ,  
 Em cozendo mais o vinho.

*Pap.* Logo entaõ estou borrhaxa ?

*Tab.* Eu por mim não digo tanto ;  
 Mas a pinga faz ver cousas ,  
 Que são dignas de alto espanto ;  
 Tu entraсте na agua bem ,

Fos-

Foste-te indo atrás do choro ,  
 Como faço algumas vezes ,  
 Que não sei adonde móro.  
 Socéga hum pouco a cabeça ,  
 E tratemos em resumo  
 Do nosso moderno amor ,  
 Em quanto te passa o fumo.

*Sentão-se Papagaia , e o Taberneiro no  
 banco de tal sorte , que fique Zabum-  
 ba no meio , quando se erguer , en-  
 tre ambos , dizendo o ultimo ver-  
 so do que se segue.*

*Tab.* Agora mais descansados  
 Nos poderemos abraçar.

Dá cá , meu bem , esse mimo.

*Zab.* Tenha mão , mais de vagar !  
 Quem lhe deu o atrevimento  
 De abraçar esta Senhora ?

*Pap.* Deixa-tê disso , Zabumba ,  
 Verás como o trato agora.

*Zab.* Agora porque me vê ,  
 He que faz o seu dever.

*Pap.* Ou te veja , ou te não veja ,  
 Sempre estou no mesmo ser ,  
 Mil vezes a teu respeito ,  
 Meu amor manifesto.

*Tab.* Aquillô-he a pura verdade ,  
 Eu não tive mais que hum resto ,  
 Mas este mesmo sobejo  
 De hum amor tão verdadeiro ,  
 Me dera a distincta honra  
 De ter tambem seu parceiro.

*Zab.* Qual parceiro ? Irra com a graça !  
 Eu não largo neste jôgo.

*Tab.* Talvez que mude de humor ,  
 Quando esfriar esse fogo :  
 Juizo , amigo , juizo ,  
 E á força da reflexão  
 Devem as cousas tratar-se  
 Da mesma sorte que saõ.  
 Bem que seja hum Taberneiro ,

Sou hum homem illuminado ,  
 Porque tive alguns amos  
 De quem fui digno criado .  
 Fui criado de Joaõ Gomes ,  
 Nesta proza dos Cartazes ,  
 Muitas vezes o ajudei ,  
 Por ser dos mais capazes :  
 Tratei com toda a cambada  
 No tempo da Zamparine ,  
 Servi o Bravo dois mezes ,  
 E mais de feis o Calxine :  
 Pilkei Musica sem conto ,  
 Como vossês mesmos sabem ,  
 E eu mesmo me gabo a mim ,  
 Naõ he preciso que me gabem .

*Zab.* Entaõ que tenho com isso ?  
 Quer que a exemplo dessa gente ,  
 Soffrendo o que elles soffrêraõ ,  
 Faça amante paciente ?

*Tab.* Paciente, sim Senhor ,  
 Todos assim devem ser ,  
 Huma vez que se regulem  
 Por hum justo proceder ;  
 Eu amo os meus patriotas ;  
 Sejaõ estes, ou aquelles ,  
 Todos nascemos de hum pai ,  
 E o que he meu, rambem he delles .

*Zab.* Fóra com a tal maroteira !  
 Guarde lá o seu conselho ,  
 Sobre estes pontos de amor ,  
 Eu cá sou Portugal velho .

*Pap.* Naõ te esfalfes mais com isso ,  
 Sobre mim recahe a affronta ,  
 Sou mulher, e despicalla  
 Corre cá por minha conta :  
 Mas desejava saber ,  
 Se os homens que tem tal bóla ,  
 Achem mulheres, que pensem  
 Por essa mesma bitóla :  
 Se o Zambuba fosse desses ,  
 Naõ havia em mim achar ,  
 Quem a taõ vis pensamentos

Se quizesse accommodar.

*Tab.* Se eu fosse outro socio,  
Naõ havias contentir?

*Pap.* Oh sem dúvida, por força,  
Dá-me vontade de rir:  
Que grande moço, por certo,  
Para qualquer se elevar!  
Só fallar nisso me faz  
Engulhos de vomitar.

*Tab.* Naõ tem dúvida, menina,  
Comigo naõ tome enjõos,  
Que eu cá tambem naõ os tomo.  
Acho-lhe muita razão.  
De embutir-nos o leu mõno,  
Porém eu estou nas malvas,  
Contra es seus desprezos engordo.  
Eu vou cantar fobre o caso,  
Para ficarmos de acordo.

*Canta, e vai-se.*

*Zab.* A cantiga ouvi de ardido,  
Amou mais que eu suppunha;  
Mas naõ lhe fez bom cabello  
Aquelle piaõ na unha.  
Ora adeos, minha Senhora,  
Se foi comigo a visãõ,  
Aqui estava a feu respeito  
Ja muito escorreito, e saõ.

*Pap.* Já naõ me falles em tal,  
Bem lei que a alneira foi minha;  
Mas naõ has de perdoar-me,  
Se eu estava com a pinguinha?

*Zab.* Perdoo, e mais que perdoo.

*Pap.* Porém dize; á tantos dias  
Por onde he que tens andado,  
Cuidei já que me fugias.

*Zab.* Marinheiro sou de amor,  
E altivo marinheiro,  
E bem que outro' mar navegue,  
Nunca fujo ao cativeiro.

*Sabe o Preto, e Izabel.*

*Izab.* Acode, acode, fiore blanco,  
O Estrangeiro he descambada,  
Temos os pinga nos cabeça,

E dá em dar gragailada.

*Pret.* He huma bebedeira alegre.

*Pap.* Elle com vinho he galante,

Em me vendo, não me larga,

E dá-lhe em ser meu amante,

*Zab.* Isso ha de ser engraçado :

Quem me dera esta função ;

Porque hum namorado destes

Não dá pena, nem paixão.

*Sabe o Inglez.*

*Ingl.* O gente de minhe terre

São de humor triste, e sombrio,

Eu sou Inglez de outre caste,

E sempre estar de alegrie :

O' bem vinde, bem chegade,

Eu tem contigue legrede,

E não quer que ninguem oice ;

Mas oice, ou não, não tem mede :

Oice embore o mundo tode,

Que eu te ame sinceremente,

E não digue tude ainde ;

Mas em fim, estar contente.

Muitas vezes fiz viagem

A muitas Portes Francezes,

Goste muito deste gente,

Sou Francez as mais das vezes.

*Pap.* Canta, meu rico Estrangeiro.

*Ingl.* Sou teu rique com effeite ?

O' que carinha bregreire ! *Canta.*

*Pap.* Bravo, bravo, muito bem.

*Zab.* Viva, viva, só futre borrarxo !

Mas em premio da caniga,

Ha de ser bem trabalhado.

*Ingl.* Non me pique, estar contente.

*Pap.* Não te piques, meu bemzinho,

E leva em ár de fineza

Este supapo brandinho.

*Ingl.* Tude teu leva em goste,

S-ja per mal, ou per bem,

Non me pique, estar contente ;

Eu quer dar-te outre tambem.

*Isab.* Que te parece o Estrangeiro ?

Blin-

Blinca tanto , sendo huns caõ  
 He mesmo huns implitente ,  
 Que todos saõ canzarraõ.

*Pret.* Naõ falles em caõ , pletia ,  
 Que ere póde responder ,  
 Que mais caõ saõ os caõ de rabo ,  
 Ou que he mais nozo qualquer.

*Pap.* Anda cá , meu rico amante ,  
 Chove em ti como na tua.

*Ingl.* Non me importe , estar contente.  
 Este huve he coize tue.

*Zab.* Esta palmada tambem  
 He galante , porque he minha.

*Ingl.* Cada hum dá o que tem configue ,  
 E dá seu coize á bellinhe :

Per tal toma estas graças.  
 Mas com tude estar contente.

Eu sou Inglez de outre , mas non sou  
 Como outres certamente.

*Sabe o Taberneiro.*

*Tab.* Venho meter-me na festa ,  
 Inda que seja no cabo ,  
 Que naõ deve haver farofia ,  
 Sem que tenha Cruz-Diabo.  
 Vamos cantar , e bailar.

*Zab.* Eu por mim vamos a isso ,  
 O meu genio he farfalhar.

*Tab.* Ahi vem a Ronda do Bairro ,  
 Creio que a temos travada.

*Zab.* Veio em hora bem boa ,  
 Para entrar na patuscada.

*Sabe o Cabo , e a ronda.*

*Cab.* O' lá da parte da ronda ,  
 Tenhaõ maõ , ninguem se bula :  
 Quero saber miudamente ,  
 Quem he toda esta matula.

*Zab.* Pois quer saber quem eu sou ?  
 Olhe lá bem o que diz ,  
 Porque talvez que a mostarda  
 Depois lhe chegue ao nariz.  
 Cá hum homem deste lote ,  
 Quando a capa desembrulha ,

Não torna a ferrar o panno ;  
 Sem que alguém lhe finta a bulha !  
 Se a teima a saber quem eu sou ,  
 Póde ser lhe custe caro ,  
 Que ás vezes leva nas ventas  
 O caõ que vem pelo farõ .

*Cab.* Fóra , como elle he chibante !  
 Com este não quero nada .  
 E vossê porque não tem  
 Esta porta já fechada ?

*Tab.* Porque não quero fechalla ,  
 He a resposta que lhe dou .

*Cab.* A mim assim se responde ?  
 Não conhece que o Cabo sou ,  
 Que suppro de Alcaide a falta ?

*Tab.* E vossê tambem não sabe ,  
 Que sou Sargento de Malta ?

*Cab.* Pois olhe que he grande cousa  
 Não lhe envejo a tal fortuna ,  
 Nem o foso privilegio ,  
 Com que agora me importuna :  
 Amigo , isso só lhe serve  
 De gastar na farda liza  
 Quanto sempre vai pilhando  
 Dos quartilhos que baptiza ,  
 Mas eu por mim não lhe provo ,  
 Porque os Christãos instruidos  
 Nunca formaõ argumentos  
 Com os Mouros já reduzidos .  
 Em fim esta vá de impasse ,  
 Porém trate de se abster ,  
 Porque o tal de vinho auxilio  
 Nem sempre lhe ha de valer ;  
 E esse futer borracho ;  
 Que me está rangendo o dente ;  
 Diga quem he , e o que faz ?

*Ingl.* Non faz nada , estar contente .

*Cab.* Está contente , não duvido :  
 Nessa bella situaçaõ  
 Está contente todo o Mundo ,  
 Sem ter pena , nem paixãõ :  
 Grande vazilha por certo ,

Mas nós não temos inveja  
 A cabeças costumadas  
 A toldar-se com serveja.  
 E os taes caxorros, quem são?

*Pret.* Caxorro vozo será,  
 Se não sabe cortezia,  
 Os pleto lhe ensinará.

*Izab.* Deixa preto não te enfada,  
 O fião queri cocanha,  
 Esta gente de Justiça,  
 Ai, ai, que sabe da manha.

*Cab.* Oh canalha, assim me trata!  
 Cerca, companheiros, cerca.

*Zab.* Ai, meu amigo, quer molho!  
 Pois talvez que a chança perca

*Cab.* Tenha mão, eu já lhe disse,  
 Que com vossê não he nada,  
 Porque já á muitos tempos  
 Conheço que he camarada

*Zab.* Já vejo que não conhece,  
 Quem he no Mundo o Zabumba,  
 Que tem feito ao Cemiterio

Ir muitas vezes a tumba:  
 Tenho dezoito viagens  
 Dáquem, e dalém da linha,  
 Comi os mares; e os ventos,  
 Como quem come gallinha.

A bordo do Bom Successo  
 Fui a Argel com vento em pópa,  
 Onde entre fracos, e fortes  
 Se vio quem tinha mais reupa:  
 Eu cá sou da plebe baixa;  
 Fui Marujo, e vim Marujo;  
 Mas de sangue de canalha,  
 Trouxe todo o fato çujo.

*Cab.* Não duvido desse esforço;  
 Mas homem tenha paciencia,  
 E veja bem o que faz.  
 Se me embrulha a diligencia,  
 Bem vê que neste acto agora  
 Ando de Cabo alvorado,  
 Como Juiz da Cazinha,

Que

Que tem ar de Magistrado.

*Zab.* Com toda a sinceridade  
Já lhe disse quem eu sou,  
E se mais claro quer ver,  
Depressa mostrar-me vou.

*Cab.* Inda lhe torno a dizer,  
Que com vossê não he nada,  
Mas que hei de levar preza  
Toda esta cambulhada.

*Zab.* Quaes prezos, nem meios prezos,  
Daqui não ha de ir ninguem.

*Cab.* Pois ha de ir tudo por mal,  
Já que não querem por bem.  
Já me vai chegando muito  
Toda a mostarda ao nariz:  
Ninguem deve respingar-me,  
Que aqui só eu sou Juiz.

*Zab.* Por mal, por mal, quem se atreve.  
O vil canalha, são poucos,  
Huns a furo, outros a golpe,  
E o resto vai tudo a socos.

*Vai se a ronda.*

A mim, a mim, mas que he,  
A rua está despejada.

## C O R O.

Viva, viva, o Senhor Cabo,  
Que em socego nos deixou,  
Mal que vio o ar toldado,  
Com os caximbo abalou.

F I M.




---

LISBOA. Na Officina de Filipe da Silva  
e Azevedo.

*Com Licença da Meza do Desembargo do  
Paço.*